
Entre centenários: o Camões de Garrett e o Camões de Camilo

Between centenaries: Camões of Garrett and Camões of Camilo

João Paulo Braga

Universidade Católica Portuguesa

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1398>

RESUMO

Em 2025 comemora-se o bicentenário do nascimento de Camilo Castelo Branco. Celebra-se também o 5º centenário do nascimento de Luís de Camões. Coincidencialmente, o poema que Almeida Garrett dedicou ao Épico, marco da introdução do Romantismo em Portugal, foi publicado a primeira vez em 1825. Que imagem de Camões perpassa nas abundantes páginas de Camilo? Será o Camões de Garrett e do Romantismo? Pretende-se, aqui, rastrear a presença de Camões na obra de Camilo, tentando contextualizá-la e interpretá-la à luz de fatores coletivos e individuais.

PALAVRAS-CHAVE: Almeida Garrett; Camilo Castelo Branco; Luís de Camões; Romantismo; Ideologia republicana em Portugal.

ABSTRACT

In 2025 we celebrate bicentenary of the birth of Camilo Castelo Branco. It also marks the 5th centenary of the birth of Luís de Camões. Coincidentally, the poem that Almeida Garrett dedicated to the Epic, a landmark in the introduction of Romanticism in Portugal, was first published in 1825. What image of Camões permeates Camilo's abundant pages? Is it the Camões of Garrett and of Romanticism? The aim here is to trace the

presence of Camões in Camilo's work, attempting to contextualize and interpret it in the light of collective and individual factors.

KEYWORDS: Almeida Garrett; Camilo Castelo Branco; Luís de Camões; Romanticism; Republican ideology in Portugal.

“Admiro pouquíssimo o poeta”. Esta frase bombástica com que Camilo Castelo Branco se refere a Luís de Camões, o “poeta” por antonomásia, soa a verdadeira heresia. Já vamos às circunstâncias em que a afirmação foi feita. Mas, lida assim fora do contexto, além de blasfema, a frase não pode deixar de ser vista pelo leitor de Camilo como uma contradição, habituado, como está, a ver na sua obra frequentes referências ao poeta, já inventariadas por eminentes camilianistas como Alexandre Cabral (2003, p. 153-154) e Justino Mendes de Almeida (1993, p. 47-60).

Uma tentativa de sistematização dessas copiosíssimas referências pode passar por apartar aquelas que são internas ao texto daquelas que surgem nas margens do texto, no peritexto, especialmente na epígrafe, “la citation par excellence, la quintessence de la citation” (Compagnon, 1979, p. 337). Camilo, como é sabido, explorou largamente os espaços paratextuais, usando frequentemente epígrafes de capítulo, lugares privilegiados de relação do autor com a “biblioteca”, sendo Camões um dos autores homenageados dessa forma. Não cabe aqui aprofundar as relações entre a epígrafe e o texto de suporte, mas apenas sublinhar o seu valor de manifestação de homenagem, de tributo do autor a um poeta consagrado, pois, como realça Genette (1987, p. 161), “dans une épigraphe, l'essentiel bien souvent n'est pas ce qu'elle dit, mais l'identité de son auteur”. E o conhecimento desse autor por aquele que o cita. Tanto mais que os textos de Camões citados por Camilo abrangem os três grandes domínios

da obra camoniana: lírica;¹ épica;² drama.³ Com efeito, Camilo conhecia bem a obra de Camões, desde tenra idade, como comprova num passo autobiográfico dos *Serões de S. Miguel de Seide*, ao evocar a figura do padre António de Azevedo, irmão do seu cunhado, pela mão de quem, em Vilarinho da Samardã, leu os clássicos, tão fundamentais na formação do futuro romancista:

de volta do presbitério, fazíamos chá; depois, lia-se a versão de Alexandre Garrett, os *Anais da Propagação da Fé*, as *Noites de Young*, a *Miscelânea Curiosa e Proveitosa*, *Os Lusíadas*, o *Theatro de los Dioses*, *As Viagens de Ciro*, as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, e a *História de Portugal* por uma sociedade de ingleses (Castelo Branco, 1993a, p. 1036).

Em termos formais, seria possível distinguir entre a citação propriamente dita (transcrição de fragmentos textuais camonianos) e a mera referência ao poeta, à sua vida ou à sua obra. Nessas referências sobressaem aquelas representações convencionais e simbólicas do poeta como paradigma romântico do génio incompreendido e injustiçado pela pátria, que ele glorificou, ou do amoroso desgraçado, perseguido pelo destino cruel. Em *Coisas espantosas*, por exemplo,

¹ Um trecho da lírica é usado como epígrafe do cap. XXXIII (“Serena Claridade”) do romance *A Doida do Candal* (Castelo Branco, 1987a, p. 138): “*Deixai, pois, já, Senhora, o amargo pranto,/ A pena, a dor, o mal que tanto cresce // Um anjo novo tens, santo e benino, / Vive, Senhora, alegre e consolada.* (Camões, *Elegia*)”.

² Versos d’*Os Lusíadas* são citados em epígrafe ao cap. XV (“Algumas Flores para um Triunfo”) de *Delitos da Mocidade* (Castelo Branco, 1993): “*Lus., III, Bem puderas, ó Sol, da vista destes ... ;* e no cap. XI de *Carlota Ângela* (Camilo castelo Branco, 1983): “*Vereis amor da pátria..., etc. Camões, Os Lusíadas*”

³ Ao *Auto de Filodemo* pertencem os versos usados como epígrafe ao cap. XI do *Livro de Consolação* (Castelo Branco, 1987b): “*Qualquer honesta se abala, / Como sabe que é querida.* (Camões, *Filodemo*).”

surge uma atualização de um *topos* romântico associado a Camões e à Epopeia – o de símbolos da pátria e de saudade no exílio:

Augusto parou, a pequena distância, contemplativo, disfarçando o seu reparo. Foi-se aproximando como quem seguia seu caminho e ouviu a pronúncia do leitor: era portuguesa. Já mais de perito conheceu que eram versos de *Os Lusíadas*, no episódio de Inês de Castro.

Não conteve Augusto o seu espanto, se não era mais ainda saudades da pátria, vendo portugueses no lago de Genebra, e ouvindo tão longe os versos queridos de Camões. [...]

– É português!? Bem-vindo seja o nosso patrício. [...] Somos todos portugueses, exceto estes meninos, que ainda assim folgam de ouvir o poema, que não deixa morrer o nome da pátria de seus avós (Castelo Branco, 1984, p. 640).

Temos referências extradiegéticas (internas ao discurso do narrador) e referências diegéticas (no discurso das personagens). No interior do discurso do narrador, caracterizado pelo tom digressivo e metaliterário, propício à citação e a outras formas de relação intertextual, encontramos, por exemplo, em *Coisas espantosas*, esta citação do episódio de Inês de Castro, acerca da força do amor: “para estes e outros holocaustos do belo e fementido deus, é que Camões escreveu o verso: *Tu só, tu, puro amor, que a tanto obrigas.*” (Castelo Branco, 1984, p. 558). Não sendo totalmente fiel, tal como outras, esta seria uma citação de memória, revelando a presença do texto camoniano no espírito de Camilo.

Numa das muitas digressões que caracterizam a narração de *Anátema*, surge, integrada no discurso do narrador, a citação de uns célebres versos de *Os Lusíadas* (*Lus.*, IX, 83), adaptados, em forma de máxima, ao comentário sobre o comportamento das personagens:

Camões definiu a situação em dois versos, que valia a pena citá-los aqui, se não parecessem, de velhos e safados que estão, um pedantismo de rapaz de escola. O coração adivinha, quando é consultado nestes mistérios, que são todos dele; e como o leitor ou leitora nada paga nessa consulta, eu penso *que é melhor experimentá-lo*. Enquanto ao conde de S. Vicente, nada há mais fácil *que julgá-lo*. O leitor tem direito a que eu lho diga; mas *julgue-o*. Deus me salve de escrever romances, cujo incenso de um fino amor vai perfumar olfatos embotados. E escrever de amor para *quem não pode experimentá-lo* (Castelo Branco, 1982, p. 260).

Quanto ao discurso das personagens, também não são poucos os exemplos de citações da obra camoniana. Em *Anos de prosa*, Leonardo Pires, ao fazer o panegírico do protagonista, Jorge Coelho, cita a designação usada por Camões para Inês de Castro: “– Jorge Coelho herdou de seus avós a honra, é quanto basta. Na sala do palácio de Sintra não está lá o escudo dos Coelhos, porque o cobre a mortalha da “mísera e mesquinha / Que depois de ser morta foi rainha.” (Castelo Branco, 1984, p. 1082-1083).

Em *Vingança*, a citação da epopeia (*Lus.*, IX, 75) ocorre também no contexto de um discurso de personagem, desta vez o inominado poeta:

‘Entre nós – prosseguiu o poeta com o seu humor pessimista – o homem, que vem rico de longe, tem duas existências, que se separam logo que ele salta em terra. A pátria para ele é uma espécie de Ilha de Vénus, como a imaginou Camões. No poema, os cansados navegadores refocilam-se nos braços deleitosos das ninfas, saboreiam-se nas mais esquisitas sensualidades que o pecado pode inventar, e, para cúmulo de delícias, ouvem no fim o canto profético da deusa libidinosa que lhes assegura a imortalidade.

‘Os bem-vindos do país do ouro – os nossos irmãos de além-mar –, após os perigos e sustos com que as riquezas rápidas se granjeiam, aportam às praias natalícias. Aí lhes vão as ninfas de todos

os rios e riachos de Portugal ao encontro, e rara se esquiva como a
Éfire do Leonardo,

*A quem Amor não dera um só desgosto,
Mas sempre fora dele mal tratado.*' (Castelo Branco, 1983, p. 1098).

As referências a Camões e à sua obra que o autor põe na boca das suas personagens cumprem de um modo geral uma função caracterizadora, como signos de um estatuto cultural elevado, como é o caso do poeta de *Vingança*, e é também o caso de Calisto Elói, o inolvidável protagonista d' *A queda dum anjo*, que, ao discursar no parlamento contra a vaidade que grassava em Lisboa, bem patente no luxo e ostentação das “carruagens, calechas e berlindas” que triunfalmente se passeiam pela cidade, vocifera:

por entre estas soberbas carroças, Sr. Presidente, vejo eu passar mal arrimados às paredes, e temerosos de serem esmagados, uns homens de aspetto melancólico, e mal entrajados. Nestes cuido eu ver D. João de Castro, que empenhou as barbas, e tem duas árvores em Sintra; Duarte Pacheco, que vai entrar no hospital; e Luís de Camões, que vem de comer as sopas dos frades de S. Domingos. Cada época tem centenares destas ilustres vítimas (Castelo Branco, 1986, p. 871-872).

A referência a Camões entra na construção caricatural da personagem, com efeitos cómicos, acentuando-lhe o tom enfático e o caráter retrógrado de anjo, antes da queda. Ora, muitas das referências ao Épico apresentam essa função cómica, quer no discurso das personagens, quer no discurso do narrador. Neste caso, o efeito cómico resulta geralmente de um contraste entre o prosaico das situações e a elevação do discurso épico. Veja-se este exemplo de *Coisas espantosas*, em que o narrador termina a descrição de um quadro sa-

loiamente festivo recorrendo a uma citação do Canto II (est. 21) d'*Os Lusíadas*:

celebraram-se as núpcias em S. Domingos, e dali partiram todos, em número de vinte e sete, para Chelas, escarranchados em burrinhos os varões, e as damas muito bem postas sobre as gualdrapas escarlates dos seus portadores que espinoteavam

De soberbos de carga tão formosa,

como diz o grande épico do tritão de Vénus (Castelo Branco, 1984, p. 96).

Esse tipo de efeito é também obtido em *Cenas da Foz*, quando o narrador homodiegético (João Júnior) usa uma citação da epopeia (*Lus.*, X, 128) no contexto de uma comparação desajustada: “apenas a vi em ânsias, despi o casaco, meti-me até ao peito na água, apanhei a cadelinha, que a ressaca levava para o mar, e, como Camões, *Dos procelosos baixos escapado*, vim lançar no regaço da aflita dama a cedula gemebunda” (Castelo Branco, 1983, p. 782).

Na mesma obra, encontramos um passo em que o discurso camoniano se funde no discurso camiliano, assumindo a forma de alusão ou paráfrase, quando o narrador-personagem alude a um célebre soneto camoniano, novamente em contraste cómico com o assunto: “diz tu, ó Pôncia, se me viste comer ou beber durante oito dias contados da data em que a minha alma se despegou daquela alma gentil que se partiu do Pasteleiro” (Castelo Branco, 1983, p. 906).

Em *Amor de salvação*, um lanço da narração feita ao autor por Afonso de Teive é introduzido por este com a fórmula de invocação épica: “agora tu, Calíope, me ensina a contar o sucesso estranho!...” (Castelo Branco, 1985, p. 718).

Em *O que fazem mulheres*, o registo é autoirónico, surgindo a citação d' *Os Lusíadas* (episódio de Inês de Castro) num enunciado

paratextual (“A todos os que lerem”) de natureza metanarrativa: “não é romance; é soalheiro, mas trágico, mas horrível, soalheiro em que o sol esconde a cara, *Como da seva mesa de Tiestes, / Quando os filhos por mão de Atreu comia*” (Castelo Branco, 1983, p. 1231).

Em *Onde está a felicidade?*, o narrador estabelece uma comparação entre os amores superficiais de Guilherme do Amaral e as ninfas do episódio da Ilha dos Amores: “valido da impostura hábil, [Guilherme do Amaral] venceu resistências froixas; as vencidas, porém, caíam como as ninfas de Camões, na Ilha dos Amores: *deixava-se ir dos galgos apanhando*” (Castelo Branco, 1983, p. 227). Repare-se que, uma vez mais, se trata de uma citação de memória, em que o autor emprega “apanhando” em vez do original “alcançando” (*Lus.*, IX, 70).

Quando são postas na boca das personagens, o efeito cómico adérm do contraste, do desajuste, com fins satíricos, entre o ridículo da personagem e da situação vivida, e a superioridade da representação cultural convocada. Em *Eusébio Macário*, por exemplo, o nome do poeta aparece associado ao de Bocage, em registo humorístico e caricatural, como paradigmas de sabedoria e de eloquência, no discurso oratório de Eusébio Macário, agraciado como Cavaleiro de Cristo: “eu queria ter a sabedoria dum Camões, ou ser qual outro Bocage para exprimir as minhas ideias, sim, para explicar o que tenho no pensamento. Mas eu não sou Camões nem Bocage, esses grandes homens” (Castelo Branco, 1988, p. 531). Tratando-se de uma personagem que, embora protagonista, é objeto de uma avaliação negativa ligada à intenção programática de sátira parodística assumida pelo autor neste romance, a referência a Camões não deixa de ganhar conotações algo depreciativas. Retomaremos daqui a pouco esse ponto.

Agora, é altura de voltarmos à afirmação escandalosa de Camilo: “admiro pouquíssimo o poeta”. Encontramo-lo em carta ao editor Ernesto Chardron, quando o romancista de Seide lhe comunicava o assentimento em escrever o prefácio à sétima edição do *Camões*, de Garrett:

“escreverei, porém, as páginas que deseja para o seu *Camões*. Não lhe prometo que sejam boas, porque admiro pouquíssimo o poeta e não sei assoprar a bexiga da admiração convencional” (Castelo Branco, 1994, p. 923). Estávamos em 1880, ano do tricentenário da morte de Camões, ocasião em que, entre muitas outras iniciativas, se reeditou, em edição comemorativa, o poema de Garrett. Noutra carta ao mesmo destinatário e sobre o mesmo assunto, Camilo promete ser iconoclasta:

necessito que me diga uma coisa com referência ao prefácio do *Camões* de Garrett. Primeiramente, deixa-me plena liberdade de tratar a biografia de Camões como entendo que ela deve ser tratada à luz de 1880? Não se lhe importa que se levante contra o sacrílego prefaciador do poema a cainçada das locais? Eu persuado-me que a venda será mais segura, se farejarem nela uma coisa justa a que eles hão de chamar escândalo (Castelo Branco, 1994, p. 924).

Que “escândalo” era esse que Camilo, “sacrílego prefaciador”, esperava provocar?

Nesse texto prefacial, o autor do *Amor de perdição*, propondo-se encarar “o nosso Camões a uma grande luz natural”, submete a biografia do poeta a um exame crítico, desmistificando a imagem romântica que dele Garrett constrói no seu poema, “um Luís de Camões romântico, remodelado na fantasia melancólica dum grande poeta exilado, amoroso, nostálgico” (Castelo Branco, 1981, p. 18). Procura demonstrar, sobretudo, a falta de fundamento de certos lugares-comuns biográficos, cuja responsabilidade é imputada principalmente ao visconde de Juromenha e a Teófilo Braga. Desses lugares-comuns, aquele que com mais veemência Camilo rebate é justamente o que mais ligado estava à visão romântica da vida do poeta: é o *topos* da miséria em que Luís de Camões viveu os últimos tempos, a ponto de se valer das esmolas que o fiel escravo Jau obtinha nos seus peditórios. Segundo Camilo, “é a lenda da miséria em que se comprazem

as imaginações sombrias” (Castelo Branco, 1981, p. 60). E quanto à velha questão da tença, Camilo não alinha na convencional crítica à injustiça régia para com o poeta: “Luís de Camões não se julgaria desdourado com os 15\$000 réis, nem essas hipóteses de fomes, frios e mendicidades que se encarecem deve aceitá-las a crítica desligada de velhos preconceitos” (Castelo Branco, 1981, p. 60). Chega mesmo a comparar a situação de Camões com a de outras figuras históricas que, segundo ele, foram mais injustiçadas pela Pátria: “espanta, porém, que se não clamasse com mais justiça contra os áulicos que deixaram morrer no hospital António Galvão, o apóstolo das Molucas, e Duarte Pacheco Pereira” (Castelo Branco, 1981, p. 60).

Se esta atitude iconoclasta de Camilo correspondia a uma rutura com a opinião pública, destruindo a estátua romântica que Garrett edificara e à qual aderiam os mentores das comemorações do tricentenário da morte de Camões, em 1880, representava, por outro lado, uma contradição relativamente à imagem que do poeta o próprio Camilo até aí apresentara. Com efeito, o romancista, em vários lugares da sua obra, de que atrás deixamos exemplos, dera testemunho de aderir, também ele, ao “mito romântico” de Camões (Monteiro, 2011, p. 189), à imagem do Poeta como “o mártir do amor, o soldado ardido, o talento menoscabado pela camarilha dos reis” (Castelo Branco, 1981, p. 40). Comprovam-no passos da sua obra não ficcional, como este: “quando éramos bárbaros, morreu de miséria Luís de Camões para nos lavar a fronte do estigma que nos cuspiam as nações cultas” (Castelo Branco, 1981, p. 19).

Na ficção, não faltam referências ao nosso poeta, modeladas por essa imagem tradicional. No terceiro dos *Doze casamentos felizes*, por exemplo, topamos com uma referência, em forma de antonomásia, através da qual o romancista explora o *topos* da lamentação contra a ingratidão da pátria relativamente aos seus egrégios filhos: “[...] contra uma pátria, que vê os seus Belisários e Pachecos, os seus

Homeros e Camões, desmedrados e entanguidos, perecerem à míngua duma verba” (Castelo Branco, 1988, p. 1006). O mesmo *topos* manifesta-se em *Carlota Ângela*, no seguinte passo: “revelara, ainda que tardio, um espírito sobre-excelente para engrandecer-se, e refletir na sua família as honras merecidas à custa de infâmias necessárias para se ser alguma cousa numa terra onde Duarte Pacheco e Camões tiveram fome” (Castelo Branco, 1983, p. 1006). A imagem de Camões como protótipo dos desgraçados é objeto de uma referência em *Lágrimas abençoadas*, no contexto da representação da formação intelectual e espiritual de Maria, a protagonista:

apaixonado pelos seus, e pelo esplendor da sua pátria, frei António afeiçoara o espírito de sua sobrinha aos moldes graves da poesia portuguesa do século XVI. Fizera-a decorar a história nos cantos das epopeias; afinara-lhe o gosto no arrebatamento daquele génio que deu lições de resignação aos desgraçados. Camões era mais que um poema decorado por Maria. A cada verso era interrompida, e o poema tornava-se, comentado pela eloquência do padre, um fecundo manancial de moralidade (Castelo Branco, 1983, p. 651).⁴

Num diálogo entre personagens do romance histórico *O Senhor do Paço de Ninães*, ocorre uma referência a Camões, como personagem coeva, que constitui mais uma glosa do tema da ingratidão da Pátria:

⁴ Nas *Cenas da Foz*, topamos novamente com uma referência a esse estereótipo romântico de Camões como símbolo da melancolia: “sempre a voz, sempre a imagem, em tudo, por toda a parte, e não sei descrevê-la, nunca pude arrancá-la da palheta dos artistas mais lúcidos, daqueles que compreendem o aspetto melancólico de Camões, e o adivinharam [...]” (Castelo Branco, 1983, p. 840). Na mesma obra, encontramos uma referência ao Camões épico como fonte histórica: “por Gamas, pertence ao venerando tronco do que dobrou o cabo das Tormentas, como consta de João de Barros, Lucena, Camões, e da história genealógica da casa Real” (p. 803).

ora sejamos justos e digamos que Luís de Camões, se tivesse nascido sessenta anos antes, seria bem aceito na corte do Senhor rei D. Manuel. A tença que lhe dão é tal, que mais avisado andaria quem lha alvidrou deixando perecer de míngua o poeta, para que na pobre vida que leva não estivesse acusando esta geração de hoje em dia afistulada de herpes e podre até às medulas... (Castelo Branco, 1987a, p. 237).

Até na poesia camiliana é convocada a figura convencional do Camões romântico, que o romancista pretendera rebater no prefácio ao poema de Garrett:

Camões julguei-o divino,
Chorei que fosse um mortal;
Mas não foi de ouvir-lhe o hino
Que cantou a Portugal.
É que o vi, farto de dores,
Varado o seio de amores,
Terminar seus dissabores
Nas palhas dum hospital.

(Castelo Branco, 1989, p. 567).

A que se deveu, pois, tal mudança, tratando-se embora de um autor que não se costumava pautar pela coerência crítica ou ideológica? Já em 1879, um ano antes, portanto, da publicação do prefácio, Camilo era perentório, no *Cancioneiro alegre*: “Camões amou muito; logo, não foi o grande desgraçado que se imagina. Amou muitas senhoras de várias cores, aquém e além-mar, solteiras e casadas” (Castelo Branco, 1989, p. 1096). Na mesma obra, mostra-se crítico em relação aos biógrafos do poeta e mimoseia Teófilo Braga com palavras deste jaez:

o Dr. Teófilo Braga, se não escrevesse em anos tão verdes e com tanta precipitação, em vez de um chavascal de incongruências estólicas e de hipóteses pueris, teria rastreado a linha reta que levou

o grande génio pela desordem da vida aos embaraços da pobreza e do desamparo. Em vez de o fantasiar a carpir-se da perda de Alcácer Quibir, dar-nos-ia, como documento da sua cumplicidade naquele desastre, a *Epístola a D. Sebastião* em que o poeta lhe pede que *tinja as suas setas no sangue sarraceno, que Deus o premiará pelo vingar dos rebeldes, etc.*' (Castelo Branco, 1989, p. 1098).

O ataque a Teófilo Braga, no campo dos estudos camonianos, remonta a 1874 – data em relação à qual são anteriores todas as referências há pouco citadas –, num texto intitulado “Em que veias gira o sangue de Camões?”, incluído em *Noites de insónia*, tendo por base o artigo sobre Camões que Camilo redigira para a tradução e ampliação do *Dicionário universal de educação e ensino*. Aí inventiva o professor de Literatura com a truculência que será habitual:

isto não é simplesmente criancice párvoa – é desgraça; é mais que desgraça – é castigo da Providência, porque o snr. Teófilo ladrou arrogantemente a Castilho, a Herculano, a Garrett, a Rebelo, Verlhagen; e não houve ainda detraidor tão audaz, tão ignorante, e, sobre ignorante, ridículo (Castelo Branco, 1991, p. 813).

Conhecendo-se a profunda inimizade de Camilo a Teófilo, não é de surpreender que a biografia de Camões, que ambos estudaram, servisse de campo de batalha. É sabido como a feroz veia polémica de Camilo era fortemente estimulada por questões pessoais, que faziam o romancista mudar radicalmente as suas posições críticas. Sendo Teófilo um dos corifeus do ataque, na questão do “Bom Senso e Bom Gosto”, à velha escola romântica, tutelada por Castilho, o qual convenceu Camilo a entrar na refrega, com o folheto “Vaidades Irritadas e Irritantes”, é natural que a animosidade daí nascida levasse o romancista a não perder oportunidade de agredir aquele que passou a ser seu figadal inimigo, e os estudos biográficos dedicados por Teófilo a Camões constituíram uma dessas oportunidades. Mas

nesta viragem de Camilo, há a considerar outros fatores de ordem biográfica. Alexandre Cabral lembra o facto de que foi também nessa altura (1880) que Camilo fez as pazes com a Casa Real, passando a assumir uma postura de quase subserviência relativamente a D. Luís, em contraste com a adversidade à dinastia brigantina, que durante muito tempo demonstrara, em consequência do indeferimento real relativamente ao título de visconde almejado pelo romancista (Castelo Branco, 1981, p. 20). Ora, sabendo como os mentores das comemorações camonianas fizeram do épico, alçado no pedestal da mitologia romântica, um estandarte dos ideais republicanos⁵ que defendiam, percebe-se que Camilo tenha querido distanciar-se relativamente a esses ideais, encontrando mais um motivo para atacar Teófilo Braga, o principal dinamizador das comemorações e um dos grandes inspiradores da causa republicana em Portugal.

Estes fatores conjunturais explicam, portanto, não só a rutura de Camilo com as ideias que ele próprio defendera a propósito daqueles aspectos biográficos de Camões, mas também a uma certa atitude de desdém que passou a manifestar em relação ao grande poeta português.

Debaixo do declarado desprezo ao poeta, está o ressentimento contra os mentores das comemorações, principalmente Teófilo Braga. No mesmo sentido vai uma declaração que encontramos numa carta à filha Bernardina Amélia: “terminadas que sejam as festanças, os arraiais a Camões, e a paparrotice nacional, irei conversar contigo, algumas horas ou alguns dias” (Figueiras, 2002, p. 97).

Ora, talvez não seja descabido relacionar o tom algo depreciativo de certas referências a Camões na obra ficcional de Camilo, como

⁵ “[Camões] Transforma-se assim num militante forçado da causa republicana” (Cunha, 2011, p. 273).

aquela que há pouco vimos em *Eusébio Macário*, com esse contexto de guerrilha contra Teófilo Braga e seus apaniguados, tanto no campo literário como no campo político. Recordemos que a publicação de *Eusébio Macário*, romance em que Camilo parodiou os processos da escola realista, à qual estavam ligados os mentores das comemorações e os partidários da ideologia republicana, data de 1879, o mesmo ano em que saiu o *Cancioneiro alegre*.

Tal perspetiva pode ainda ser corroborada por referências a Camões presentes noutro romance da mesma época, *A brasileira de Prazins*, de 1882. Uma delas está inserida num discurso inflamado que o autor põe na boca de um embusteiro, o falso D. Miguel, quando se refere a um dos seus entusiastas apoiantes, o Cerveira Lobo: “– Um grande amigo! dos raros! um dos nossos melhores esteios! Com homens assim dedicados, o triunfo é certo. Posso dizer com o grande vate Camões: *E dir-me-eis qual é mais excelente, / Se ser do mundo rei, se de tal gente*” (Castelo Branco, 1988, p. 729). Outra ocorre no discurso do narrador, em que o *topos* do poeta como paradigma romântico do desengano amoroso ganha um efeito cómico, aplicado como termo de comparação com a personagem de Zeferino das Lamelas: “e por isso o pedreiro chorava como os grandes poetas traídos, como Camões, como Tasso, como Alfredo de Musset. As lágrimas na cara tostada daquele operário tinham o travo das que a poesia cristalizou no *pantheon* dos mártires do Amor” (Castelo Branco, 1988, p. 783).

Que, fora destas circunstâncias biográficas, Camilo dedicava ao épico grande estima, provam-no as múltiplas referências que lhe dedicou na sua obra. Antes de mais, não esqueçamos que Camilo, ainda que não tivesse aderido ao espírito republicano das comemorações camonianas de 1880, recusando “assoprar a bexiga da admiração convencional”, não deixou de participar nas homenagens, publicando, além do citado prefácio ao poema de Garrett, outros textos: “Petrarca, Luís de Camões e Faria e Sousa” (em *O Atlântico* e *Jornal*

da Noite); “Milagres do Talento” e “Justiça a Todos” (no *Diário Ilustrado*); “Se Camões gastou algum património?” (no *Amigo do Povo*); “Biografia do maior e mais obscuro amigo de Camões” (no *Jornal de Viagens*); “Em que veias gira o sangue de Camões?” (no *Comércio Português*) (Castelo Branco, 1981, p. 15).

Alguns destes, aliás, constituem reedições de originais mais antigos, o que comprova como Camões sempre esteve presente no labor historiográfico e crítico do romancista, desde a edição das *Poesias e prosas inéditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita* (1868). São textos que, como era normal, incidem mais sobre aspectos histórico-biográficos do que sobre aspectos crítico-literários. Atestam, no entanto, a admiração, o interesse de Camilo pelo poeta, e o conhecimento da sua vida e obra, o que se reflete também em referências presentes em textos de caráter crítico centrados noutros autores. Por exemplo nos *Serões de S. Miguel de Seide*, em “Questões de Vida ou de Morte II”, Camilo comenta as *Conferências* de Ricardo Jorge, aduzindo passos d’*Os Lusíadas* alusivos aos regedores:

desde remotas épocas que os prosadores e até os grandes poetas nacionais hostilizam os *Regedores*. Já em Luís de Camões se nota uma épica zanga contra esses funcionários. Três vezes, pelo menos, lhes chega n’OS LUSÍADAS. Considera-os venais, e prontos a bandearem-se em perfídias e traficâncias contra Vasco da Gama (Castelo Branco, 1993a, p. 999-1000).

E cita três passagens exemplificativas: Canto VIII, est. 52, est. 79, est. 96. Vale a pena evocar, ainda, uma passagem da carta a “FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS”, incluída nos *Esboços de apreciações literárias*. A referência a Camões surge aí ao serviço da expressão do nacionalismo literário (típica de Camilo e do romantismo português, em geral), aqui concretizada no estabelecimento de um contraste entre a formação literária clássica, genuinamente portuguesa, e a

formação segundo o gosto francês degenerado: “se meditaste Ferreira, Bernardes e Camões, hauriste desses mananciais o mais seletos, e o menos aproveitado pelos metrificadores modernos. Aposto que tinhas degenerado do teu natural, se andasses confrontado em francesias de Hugo e de Musset?” (Castelo Branco, 1993b, p. 1139).

Camões não só contribuiu para a formação literária, como concentrou, em parte, na sua vida e obra, o vezo erudito de Camilo, escavador de ruínas biográficas e histórico-literárias, bem como alimentou aquele lastro de erudição, a cada passo convocado nos textos ficcionais, quer no discurso do narrador, quer no discurso das personagens, em numerosas referências ao poeta e citações da sua obra.

A análise contextualizada da presença de Camões na obra de Camilo nos proporciona, pois, interessantes elementos para o estudo da receção do nosso poeta no século XIX, dos estereótipos em que assentou a sua representação lendária construída pela sensibilidade romântica, e depois adotada, adaptada e instrumentalizada no contexto político da afirmação dos ideais republicanos.

Se Camilo produziu algumas declarações aparentemente depreciativas em relação a Camões, as circunstâncias em que tal aconteceu revelam que não era propriamente a figura do Épico que o romancista queria atingir, mas Teófilo Braga, o seu figadal inimigo, num espírito de polémica que se transferia muitas vezes para o campo da história e crítica literária e para a própria ficção. Não há dúvida, porém, que Camilo admirava o nosso Épico, dedicando-lhe estudos crítico-biográficos e fazendo-lhe numerosas referências que atestam o conhecimento da obra e da vida do poeta e que refletem a veneração do clássico, do génio tutelar das letras pátrias.

Num dos textos que lhe consagrou, demonstrando que sabia separar a polémica da admiração sincera, depois de surzir Teófilo, conclui, e nós com ele: “falta dizer que Luís de Camões deixou um fi-

lho que não se reproduz, e é imortal: chama-se LUSÍADAS” (Castelo Branco, 1991, p. 816).

RECEBIDO: 29/06/2025

APROVADO: 15/08/2025

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Justino Mendes de. Camões na obra de Camilo. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS CAMILIANOS. Lisboa: Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1993. p. 47-60.
- CABRAL, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Camões*. Recolha de textos publicados em 1880. Introdução e notas de Alexandre Cabral. Porto: Oiro do Dia, 1981.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. V. I. Porto: Lello & Irmão Editores, 1982.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. v. II. Porto: Lello & Irmão Editores, 1983.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. v. III. Porto: Lello & Irmão Editores, 1984.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. v. IV. Porto: Lello & Irmão Editores, 1985.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. v. V. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. v. VI. Porto: Lello & Irmão Editores, 1987a.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. v. VII. Porto: Lello & Irmão Editores, 1987b.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. v. VIII. Porto: Lello & Irmão Editores, 1988.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. v. X. Porto: Lello & Irmão Editores, 1989.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Vol. XI. Porto: Lello & Irmão Editores, 1990.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. v. XIV. Porto: Lello & Irmão Editores, 1991.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. v. XV. Porto: Lello & Irmão Editores, 1993a.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. v. XVI. Porto: Lello & Irmão Editores, 1993b.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. v. XVII. Porto: Lello & Irmão Editores, 1994.

COMPAGNON, Antoine. *La seconde main ou le travail de la citation*. Paris: Éditions du Seuil, 1979.

CUNHA, Carlos. Comemoração do Tricentenário da Morte de Camões — 1880. In: AGUIAR E SILVA, Vitor (coord.). *Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa: Caminho, 2011. p. 272-279.

FIGUEIRAS, Paulo de Passos. *Cartas inéditas de Camilo Castelo Branco à filha Bernardina Amélia, ao genro e à neta*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2002.

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris, Éditions du Seuil, 1987

MONTEIRO, Ofélia Paiva. Camões e o romantismo português. In: AGUIAR E SILVA, Vitor (coord.). *Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa: Caminho, 2011. p. 176-182.

MINICURRÍCULO

JOÃO PAULO BRAGA é membro integrado do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade Católica Portuguesa). Tem desenvolvido investigação predominantemente em torno da obra de Camilo Castelo Branco, sobre a qual defendeu tese de doutoramento em 2011. A sua colaboração com o Centro de Estudos Camilianos tem resultado na edição de textos e na organização de volumes de ensaios sobre o autor de *Amor de perdição*, nomeadamente os oito volumes das *Obras de Camilo Castelo Branco* (editora Glaciar, 2016-2025) e o volume *Revisões do trágico em Camilo Castelo Branco* (2024).